



A Jornada do Herói na narrativa jornalística: Uma análise do documentário *Senna*

Pollyana Reis Barros de Queiroz ¹

Resumo: Este artigo pretende de forma simples começar a discussão sobre a utilização dos recursos literários e poéticos em produtos jornalísticos e reforçam o conceito das notícias e reportagens como uma construção da realidade. Além disso, é um estudo inicial sobre a maneira com que esses recursos são aplicados e fazem com que a matéria jornalística tenha mais empatia com o seu público e consegue até criar heróis e vilões que pertencem ao mundo real. Neste caso, será feita uma breve análise de um documentário sobre o piloto Ayrton Senna e maneira como ele foi construído.

Palavras-chave: jornalismo; narrativa; documentário; herói; produção.

1. As narrativas no documentário: para além de apenas fatos

No universo do cinema as narrativas de ficção (sejam originais ou adaptações de obras literárias) são as histórias que recebem maior atenção e despertam mais o interesse do público. Entretanto, o cinema-documentário tem ganhado espaço nas salas de exibição, talvez por trazer no seu enredo narrativas sobre fatos reais. Não é como uma adaptação para a tela grande baseada em fatos reais, pois não são atores que contam a história e sim um conjunto de elementos como: entrevistas, imagens, fotografias e, claro, documentos, além do narrador que organiza todas essas informações no decorrer do filme. Os documentários podem ter um enredo focado em diversos assuntos de negociações e escândalos políticos a acontecimentos históricos, da vida de alguma pessoa fa-

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia (Facomb) da Universidade Federal de Goiás (UFG).

mosa a de vários anônimos entre outros temas, tudo isso dependerá da intenção dos produtores do filme.

Os documentários podem ser comparados a uma espécie de reportagem jornalística, só que de longa duração. Ambos trabalham com os mesmos elementos a não ser pelo fato de que a figura do repórter ou locutor não aparece. Em muitos casos tomamos consciência de que se tem um narrador quando aparece a voz em *off* do locutor conduzindo determinadas partes da história e também na forma como a história é editada. O compromisso com a verdade e a objetividade são os mesmos do jornalismo, mas é importante é ressaltar que tanto os produtos jornalísticos como o cinema documentário é uma história contada, uma realidade construída a partir de um ponto de vista, de uma subjetividade, mesmo com as entrevistas, pois quem desenvolve a versão final são os produtores do filme que tem a opção de escolher quais falas vão entrar, quais cortes serão feitos, quem receberá mais destaque, tudo de acordo com o tema proposto no roteiro (ou não, afinal, numa produção novidades podem aparecer e interessar mais ao diretor seguir outro viés).

O locutor nos documentários é um narrador heterodiegético, ou seja, está fora da história, mas ele não é do tipo onisciente e sim neutro, pois ele sabe menos que as personagens envolvidas na narrativa e constrói o enredo a partir do seu ponto de vista. Portanto, as falas dos entrevistados e também o conteúdo dos demais elementos que aparecem no filme serão editados de forma que justifiquem e provem que o discurso do narrador é real. É a tentativa dele de que o público compreenda e também acredite no que está sendo mostrado. O real foi construído para servir o discurso, já que o real é parte do discurso, numa operação tautológica (BERNARDET, 2003).

Os cineastas de documentários partem de um tema, assunto ou situação concreta preexistente, geralmente assuntos que incomodam alguma sociedade (violência, preconceito, má distribuição de renda, corrupção etc). Porém, nem só de assuntos difíceis e polêmicos os documentários são feitos, eles também podem tratar da origem de religiões, manifestações culturais ou personalidades de destaque na sociedade. Os documentários são uma forma de registrar, guardar e manter vivo na memória acontecimentos e personagens históricos para a sociedade, e nisso também se assemelha ao trabalho jornalístico, os produtores são também uma espécie de historiadores.

Independente do tema, a forma de narrar do documentário costuma seguir o estilo das narrativas clássicas (início, complicação, clímax e desfecho). O professor e estudioso de cinema, Ismail Xavier (2009), afirma que as entrevistas presentes nos documentários são as cenas da narrativa e cada corte feito nela (forma de edição cada vez mais usual, principalmente na televisão) constitui uma ação no desenvolvimento da história. Ainda para o professor, a entrevista tem prestígio porque é forma dramática, que é a forma por excelência do sucesso, portanto, uma forma de despertar interesse para a história que o narrador (diretor) deseja contar.

Nos documentários a ação dos personagens (no caso, os entrevistados) consiste essencialmente na fala, de acordo com cada depoimento o enredo se desenvolverá, sendo assim, os conflitos também serão criados e provavelmente resolvidos também a partir das falas.

O que a personagem diz é importante porque o falar é uma forma de agir, mas o que define personagens dentro de uma tradição é aquilo que as colocam em conflito de vontades, interesses, ideias e situações que se decidem no plano da ação. (XAVIER,2009)

No documentário que vamos analisar neste artigo, as entrevistas e demais elementos são utilizados sob outro tradicional modo de se contar uma história: A Jornada do Herói. As histórias por todo mundo desde as sociedades mais antigas até hoje utilizam uma forma semelhante de narrarem e Joseph Campbell (2012) foi o grande estudioso do assunto e ao pesquisar lendas, mitos, conto de fadas entre outras histórias percebeu essa semelhança e traçou a jornada que o herói (personagem principal) percorre durante a narrativa. Por ser uma forma com a qual estamos acostumados, e também aprovamos, os meios de comunicação (através do jornalismo, da publicidade, do cinema) se apropriaram desses elementos narrativos tipicamente literários para contar suas próprias histórias. Essa jornada é um molde com todos os elementos pesquisados por Campbell e que os autores, produtores, jornalistas, cineastas etc utilizam de forma parcial ou não, dependendo da história que será narrada para desenvolvê-la e cativar ou provocar o público.

A Jornada do Herói como o próprio nome sugere é todo o caminho que o herói irá percorrer para alcançar seu objetivo principal. O herói é um arquétipo que foi se mo-

dificando ao longo da história da humanidade, ele pode ser de deus (Jesus, Zeus), um semideus (Hércules, Aquiles), um líder (Ulisses, Batman, Rei Artur) e, nas narrativas modernas e contemporâneas, costuma ser uma pessoa comum, sem poderes sobrenaturais, com qualidades e defeitos tipicamente humanos, seu maior desafio é se realizar na sociedade em que vive (não exatamente buscar a fama, mas talvez buscar a superação de um trauma, consertar algum erro etc).

O termo “herói”, que na Antiguidade designava uma personagem fora do comum em função da sua coragem e vitórias sem que por isso ela pertencesse às categorias superiores dos deuses e semideuses, desapareceu da cultura e da linguagem com a Idade Média e o cristianismo no ocidente. Os homens que a partir de então eram considerados como heróis – sem que este termo fosse empregado – eram um novo tipo de homem, o santo, e um tipo de governante promovido ao primeiro plano, o rei. (LE GOFF, 2009, p.15)

Independente do espaço-tempo em que o herói se encontra e também do que ele procura (seja uma realização pessoal ou a salvação de um povo) esse personagem é o tipo de pessoa que se destaca, que possui características que cativam o público e uma história que faz com que as pessoas se identifiquem e se espelhem. O herói é aquele que inspira, não é necessariamente um ser perfeito e isento de defeitos, mas sim aquele que consegue fazer algo de bom com essas falhas.

Campbell a desenhou a jornada de forma circular (2012, p. 18) e a dividiu em quatro atos; o primeiro ato é o primeiro limiar do herói, o segundo ato é dividido em duas partes: a provação e o caminho de volta, o terceiro ato é o clímax final de toda a história e a resolução da jornada do herói. Christopher Vogler (2006, p. 23), seguidor de Campbell adaptou esse círculo para um quadrado aonde a superação de cada ato pelo herói o conduz a próxima provação, como numa quadra de beisebol em que os jogadores tem que conquistar uma base por vez (que seriam os lados do quadrado ou o clímax de cada ato) para que o jogo continue.

A Jornada do Herói não é necessariamente em ações terrenas, uma viagem de um lugar ao outro, ela também pode ser uma jornada psicológica, ou seja, o herói tem que enfrentar a ele mesmo: seus medos, seus traumas, seus piores defeitos etc. O herói é o personagem principal da narrativa, inicialmente ele é apresentado em seu **Mundo Comum**, mas já com algumas características que indicam que ele tem mais para mostrar

(algum talento especial que ele não usa mais, a bondade, a coragem...), de acordo com o desenvolvimento da narrativa o herói recebe o **Chamado à Aventura** (a garota que ele sempre gostou puxa conversa com ele, é desafiado pelo seu rival, ela recebe a promoção no emprego etc), entretanto, o herói duvida da sua própria capacidade de cumprir essa jornada, não se julga capaz de cumprir a missão e essa é a **Recusa do Chamado**.

Apesar da recusa, a narrativa encontra meios de levar o seu herói ao destino, o que normalmente ocorre quando o herói conhece o seu mentor, aquele personagem – que muitas vezes é apresentado na figura de uma pessoa mais velha – que aconselha e encoraja o herói ao enfrentar a jornada. O **Encontro com o Mentor** e a **Travessia do Primeiro Limiar** são os dois últimos pontos do primeiro ato. A primeira parte do segundo ato é chamada de **Testes, aliados, inimigos**, neste momento o herói passa a desbravar o “mundo especial”, a aventura que o esperava. É aqui em que ele conhece quem são seus aliados - personagens secundários, mas que surgem para dar apoio a sua causa e pode ser um amigo, um amor, um familiar – conhece também seus inimigos e passa por pequenos testes que antecedem o encontro final com aquilo ou com quem o impede de alcançar seu objetivo. Pode ser uma luta com soldados do grande vilão ou procurar as pistas para resolver um mistério, por exemplo. Depois de adentrar e desvendar o mundo especial ao qual foi chamado o herói se aproxima da **Caverna Oculta**, ou seja, do local onde ele enfrentará sua maior provação na jornada, muitas vezes ele chega sozinho porque precisou deixar seus aliados ao longo dos testes anteriores.

Este é o ponto em que a segunda parte do segundo ato se inicia com a **Provação** do herói, ele enfrentará aquilo que mais o impõe medo, entretanto, passar por isso é o único jeito de conquistar aquilo que tanto procura: uma resposta, um objeto, o fim de um governo, a vitória em cima do rival, o amor, o filho entre outras possibilidades. Então chegamos ao segundo ponto, a **Recompensa**, o herói vence o seu maior medo e se apossa daquilo que tanto buscava (Odisseu retoma seu trono e sua família em Ítaca, o príncipe conquista a princesa, a princesa prova ao pai que é capaz de lutar, o filho prova e conquista a aprovação do pai para ser cantor ao invés de médico etc).

Seguimos agora para o caminho final e o início do terceiro ato: **Caminho de Volta**, a aventura ainda não terminou e o herói precisa voltar para casa com a sua conquista. Nesta parte o herói enfrenta as consequências de toda a sua jornada, é perdoado

pela amada, pede desculpa ao melhor amigo, se reconcilia com os deuses, pode até passar por outros momentos de ação em que é perseguido por algum outro inimigo, algum seguidor do grande vilão. Quando o herói consegue resolver esse último conflito ele segue para outro ponto do terceiro ato: a Ressurreição, para voltar ao mundo comum ele precisa se purificar, o herói renasce, se modifica, reflete sobre toda a sua jornada, geralmente, é aqui que o herói passa por uma experiência de quase morte causada por algum outro vilão e é salvo pelos deuses, por um amigo ou enviado ou pela sua própria força (principalmente a psicológica).

O último ato é o **Retorno com o Elixir** que não é necessariamente um elixir, pode ser um tesouro, uma lição, um resgate entre tantas outras possibilidades. São as experiências que vão melhorar a vida do herói e da comunidade dele que continuará seguindo no **Mundo Comum** novamente. A Jornada do Herói é composta por alguns arquétipos além do próprio herói, não são exatamente personagens, mas características demonstradas pelos atores em determinados momentos da narrativa. Joseph Campbell, Vladimir Propp e também Carl Jung trabalharam com identificação desses arquétipos nas narrativas, o herói, o mentor, o traidor, a sombra, o aliado e muitos outros. É possível identificar esses arquétipos ao se questionar sobre a sua função durante a narrativa.

Estes arquétipos e a Jornada do Herói estão diretamente relacionados com a vida das pessoas no mundo real, por mais imaginativa que seja o autor se baseia nas experiências e características humanas para construir a jornada e os personagens dela na sua narrativa. O trabalho de Campbell é considerado, além de uma descrição profunda sobre padrões mitológicos ele também serve como um guia para a vida e o trabalho de um escritor.

Saí em busca dos princípios básicos da narrativa, mas no caminho encontrei algo mais: um conjunto de princípios de vida. Cheguei à convicção de que a Jornada do Herói é nada menos do que um compêndio para a vida, um abrangente manual de instrução na arte de sermos humanos. (VOGLER, p.11, 2006.)

O documentário que em que iremos analisar o desenvolvimento da Jornada do Herói na construção da sua narrativa é sobre o piloto brasileiro e tricampeão de fórmula 1, Ayrton Senna da Silva, e que faleceu tragicamente em um acidente durante o campeonato de 1994. Por seu talento e por sua personalidade Senna é até hoje referência no

mundo do automobilismo e ídolo não só no Brasil, mas também na Europa, tanto que o documentário *Senna* foi lançado em 2010 (16 anos após a morte de Ayrton) e é uma coprodução entre Brasil, Reino Unido, França e Estados Unidos. O filme é dirigido por Asif Kapadia e se concentra em contar a história de Ayrton Senna entre os anos de 1984 (ano em que estreou na Fórmula 1) e 1994 por meio de depoimentos de familiares, colegas e comentaristas do esporte, o foco é na carreira de Senna deixando de lado os encontros e desencontros da vida pessoal do piloto.

2. A jornada e o herói Ayrton Senna

O primeiro corte do filme *Senna* é uma entrevista com os pais de Ayrton quando ele estava deixando o Brasil (seu mundo comum) para ir competir nas categorias de base do automobilismo na Europa, esse depoimento funciona como uma espécie de profecia sobre a história que será contada. Durante a entrevista os pais de Ayrton Senna afirmam sua preocupação especialmente com a segurança do filho durante as corridas. Exceto por esse momento e por um cena em que mostra Ayrton jovem na Inglaterra com sua voz em *off* relatando o quanto era difícil deixar sua casa, sua família e amigo para ir morar em outro país para realizar um sonho.

Nos cortes seguintes já encontramos Senna na metade de sua jornada, o documentário faz um recorte entre 1984 e 1994 o ano que o piloto estreou na Fórmula 1. Portanto, ele já é apresentado fora de seu mundo comum e com algumas etapas superadas, neste momento ele está iniciando o 3º ato que o levará a principal aventura de sua vida: competir na Fórmula 1. A fase de Testes, Aliados e Inimigos onde Ayrton Senna começa a correr pela pequena equipe *Toleman* e tem o desafio de provar que é um piloto acima da média para conseguir contrato e patrocinadores com uma equipe de ponta e superar ou incomodar seus adversários já consagrados no esporte (Nigel Mansel, Nelson Piquet e, o documentário dá destaque, Alain Prost).

Essa história toda é contada a partir das falas de Viviane Senna e Neide Senna, do chefe da equipe Mc Laren, Ron Dennis; do ex-piloto Alain Prost, do chefe da equipe Williams, Frank Williams e Richard Williams, do professor e ex-chefe da equipe médica da Fórmula 1: Sid Watkins e dos jornalistas e comentaristas Reginaldo Leme, Pierre Van Vliet e John Bisignano. O filme vai sendo construído com as afirmações dos entrevistados sobre como a Fórmula 1 na década de 80 era extremamente competitiva,

sem a tecnologia que temos hoje e uma safra de pilotos muito talentosos num mesmo período, o que fazia com que eles a cada vitória e conquista de campeonato se tornassem heróis e quisessem ser ainda melhores.

Os entrevistados apontam as características que o faziam ser o bom piloto que era, o fato de ser talentoso, arrojado e observador fazia com que ele mesmo numa pequena equipe conseguisse excelentes resultados. Ele não se escondia atrás das limitações do carro, sabia pilotar bem em dias chuvosos e nesse mesmo bloco de depoimentos que o maior rival de Ayrton Senna aparece: Alain Prost. Piloto já consagrado na Fórmula 1, trabalhava na McLaren, uma das melhores equipes na época e com muita força política dentro da Federação Internacional de Automobilismo. Para exemplificar o quanto a rivalidade de ambos se tornaria forte, o documentário mostra a disputa de uma prova no Grande Prêmio de Mônaco em que chovia e Senna estava indo muito bem, ultrapassando os adversários até alcançar Prost que liderava a corrida. Entretanto, o piloto francês pediu para que a prova fosse encerrada algumas voltas antes do previsto por causa do mau tempo. Senna não concordou e a maioria dos entrevistados afirma que foi muito mais uma questão política (um piloto campeão, francês e que tinha um bom relacionamento com o presidente da FIA, também francês). Mais algumas voltas e Ayrton passaria Prost, é o que o documentário indica.

Pela equipe *Lotus*, na sua segunda temporada Ayrton Senna encerra com vitória seus testes antes do desafio derradeiro: consegue vencer pela 1ª vez na Fórmula 1 no grande prêmio de Portugal. Coincidentemente no dia em que o primeiro presidente eleito no Brasil pós-ditadura veio a falecer, ou seja, sua vitória significou muito mais para o seu povo que passava por uma fase difícil, característica típica de herói de acordo com Joseph Campbell, aquele que se esforça por sua nação.

Parte-se assim para a 2ª fase do terceiro ato da jornada que acontece de uma forma conjunta: Ayrton Senna é contratado por uma equipe grande, a McLaren, será companheiro de equipe de Alain Prost e terá condições não só de realizar o sonho de ser campeão mundial e ao mesmo tempo de derrotar seu maior rival. A aproximação da caverna oculta era estar num carro competitivo e a provação era mostrar seu talento em um carro de ponta competindo de igual para igual com um piloto também muito talentoso. As entrevistas nos levam a observar de que nesse período ele “descobre” que

não era imortal e que poderia se machucar de fato e de novo o cenário é Mônaco: Ayrton Senna liderava com tranquilidade e não diminuía o ritmo mesmo a equipe tendo feito o pedido e isso ocasionou um acidente que o fez ficar fora da prova.

Para os jornalistas essa “derrota” fez com que Senna mudasse, ficasse mais concentrado para enfrentar o desafio final: a conquista do campeonato, pois ele ficou muito frustrado consigo mesmo. Numa entrevista da época mostrada no documentário, o próprio Ayrton Senna afirma isso. Neste período sua rivalidade com Prost ainda estava controlada e nesse momento o documentário chega a Provação: Grande Prêmio do Japão, se ele ganhasse seria campeão mundial e improvável aconteceu: Senna largou mal e ficou em 16º colocado durante a corrida. Mas a sorte estava com ele, além de fazer uma boa corrida de recuperação, começou a chover e Senna continuou ultrapassando todos até chegar ao primeiro lugar na corrida e no campeonato.

Após a realização do seu maior objetivo, Senna começa a realizar o que seria o caminho de volta para casa. Ele se estabelece no mesmo patamar dos outros pilotos e a rivalidade aumenta com Prost aumenta, ele era o vilão a ser derrotado constantemente nas próximas temporadas e não só na pista. O documentário foca especificamente em duas situações de duas temporadas que foram muito semelhantes e envolvia os dois pilotos: em uma Prost estava na frente no campeonato e era a penúltima prova da temporada e Senna precisava vencer se quisesse continuar na disputa. Em uma curva Senna tentou ultrapassar e Prost tentou evitar, ambos bateram, Prost ficou fora da corrida e Ayrton conseguiu voltar, se recuperar e vencer a corrida. De acordo com o documentário, Prost ao ver sua recuperação foi aos comissários de prova afirmar que Senna tinha agido fora do regulamento ao voltar para a corrida. A FIA aceitou sua denúncia e a vitória do piloto brasileiro foi suspensa. Esse acontecimento no documentário só coloca Ayrton Senna na posição de mais herói ainda, aquele que joga limpo e é injustiçado, porque todas as sequências do documentário o defendem, não houve punições parecidas para outros pilotos que fizeram o mesmo que Senna, a pressão foi tanta que a própria FIA alterou o regulamento. Além disso, há o episódio em que a posição no grid do primeiro colocado é alterada “misteriosamente” e Senna não entende o motivo, novamente durante a largada ele e Prost colidem, dessa vez Senna sai campeão. Para os fãs foi a justiça sendo feita, já que no anterior Alain Prost havia tirado sua vitória.

Mesmo com dois campeonatos mundiais, Ayrton Senna ainda tinha um compromisso no seu caminho de volta, era trazer a ressurreição para o seu povo, no caso dele: vencer o Grande Prêmio do Brasil. De acordo com os jornalistas no documentário foi o momento mais heroico de Senna, a imagem é cortada para o autódromo lotado com a torcida gritando “olê, olê, olá! Senna! Senna!”, Como se não bastasse a caixa de câmbio quebra, o carro fica travado na sexta marcha e ele precisa levar o carro debaixo de chuva em apenas uma marcha. E o seu momento de ressurreição: ele ganha e desmaia (devido a desgaste físico), no pódio quase não conseguiu levantar o troféu e finalmente o herói volta com o elixir da vida para o seu povo.

Depois da vitória do Brasil o documentário segue para mostrar uma fase mais regular da carreira de Ayrton Senna, e corta para cenas de bastidores da Fórmula 1 em que mostram Ayrton pró-ativo na luta por corridas mais seguras e focando em acidentes não graves que ocorreram entre o fim da década de 1980 e o início da década de 1990. Na sequência o fim parte para o princípio do fim: pois a jornada de Ayrton Senna continua e possui um final trágico que todos já conhecem. Depois do tricampeonato em 1991 o carro da McLaren perde em qualidade e Senna passa a ficar insatisfeito com o carro, apesar de estar mais maduro e confortável em sua própria posição. Entretanto, o melhor carro na época, o da equipe Williams, tinha como primeiro piloto Alain Prost que ao ser contratado fez uma exigência: Não queria ser companheiro de Ayrton Senna. Prost foi campeão mais uma vez e decidiu sair da equipe já que os patrocinadores queriam que Frank Williams contratasse Senna.

Entretanto, a narrativa do documentário nos dar a entender que a decisão acertada de Ayrton na verdade foi um erro, pois na temporada de 1994 o carro não rendia como era previsto. E o carro da equipe de Fábio Briatori rendia mais, Senna ainda não havia vencido e a pressão estava sobre ele e o trabalho dos engenheiros e mecânicos. Os depoimentos dos jornalistas afirmam o quanto ele estava insatisfeito com os problemas do carro que era muito instável e não dava segurança ao piloto. O final de semana da morte de Ayrton Senna não foi um dos melhores para a Fórmula 1, três acidentes na mesma curva e dois foram fatais.

O documentário *Senna* durante toda a sua narrativa focou apenas na vida automobilística do piloto brasileiro, não foram feitos comentários sobre sua vida pessoal

(por duas vezes apenas mostraram imagens de Ayrton com suas duas companheiras mais conhecidas: Adriane Galisteu e Xuxa) e por vezes mostrava questões bastante pontuais: sua relação com Deus e o fato dele ser um herói – e ter consciência disso – no Brasil. Deixei para falar desses detalhes no final porque, de acordo com os estudos de Campbell, um herói também é feito da sua ligação com o divino. Durante o filme são mostradas entrevistas de Ayrton Senna sempre afirmando que Deus estava com Ele, que nas suas vitórias e nos seus momentos difíceis ele nunca havia deixado de confiar no que Deus tinha para ele. Para reafirmar essa ligação o documentário coloca um depoimento da irmã de Ayrton afirmando que na manhã de sua morte ele pediu para que Deus falasse com ele e leu um texto que falava que Deus daria a ele o maior de todos os presentes: Ele mesmo.

Outro detalhe que foi mostrado em rápidos momentos durante o documentário era o quanto Senna ficava abalado com os acidentes na Fórmula 1, e quando a história foca no final de semana do seu acidente os entrevistados afirmam que ele estava muito agitado, muito sério, preocupado e não queria correr no domingo, principalmente após a morte do piloto austríaco durante os treinos de sábado. O que pode ser interpretado que Ayrton Senna é um herói trágico que tomou consciência do seu destino e o assumiu, mesmo com medo. Até porque as entrevistas ressaltam que o acidente não foi um erro de pilotagem e sim no carro. Além de tudo pode-se dizer que foi “azar” do piloto brasileiro porque de acordo com as informações ele não havia quebrado nenhum osso, nem se machucado de qualquer forma, o que ocasionou sua morte foi uma peça do carro que durante a batida voou e bateu na sua cabeça. De acordo com o comentarista brasileiro, Reginaldo Leme, 10 centímetros pra cima ou para baixo que essa peça pudesse ter voado e Ayrton Senna teria saído andando do carro.

Por fim, o documentário se encerra com imagens do funeral de Ayrton Senna no Brasil e toda a comoção das pessoas. Entrevistas de brasileiros afirmando que agora a alegria do país tinha ido embora, complementando depoimentos que apareceram durante o meio do filme que diziam que Senna era a única coisa que nosso país tinha de bom e toda a preocupação de Ayrton em ajudar de alguma forma as crianças brasileiras que resultou na fundação do Instituto Ayrton Senna voltado para a educação de crianças carentes.

3. Considerações finais

Neste artigo tentou-se mostrar brevemente que mesmo em se tratando de um filme com características diferentes dos grandes lançamentos da indústria de Hollywood, a forma de narrar e desenvolver a história é bastante semelhante. Os documentários são filmes que trabalham numa linguagem próxima a do jornalismo e são cada dia mais uma possibilidade de gerar o debate social, para atingirem esses objetivos os produtores e diretores necessitam cativar o público. Por isso, utilizam formas de narrar semelhante a que conhecemos na literatura e que encontrou espaço no cinema e na televisão: com direito a heróis, vilões, enredos com pontos de mistério e um final feliz (dentro do que seja possível quando se fala de mundo real).

No documentário *Senna* a narrativa foi conduzida de uma forma a exaltar os feitos do piloto brasileiro, que ainda é um ídolo não só no Brasil quanto no exterior. Provavelmente os organizadores do filme esperavam atingir e agradar o público que admira Ayrton Senna e, talvez, tentar convencer quem não era, principalmente quando se trata do estilo arrojado de pilotar do Senna que ao longo de todo o documentário é elogiado e criticado apenas pelo seu maior rival. Quando o filme foca na época do acidente que levou Senna a morte, o intuito passar a ser mostrar o quanto ele querido, o quanto os brasileiros o idolatravam e até mesmo os jornalistas, quando a câmera prioriza o depoimento emocionado do jornalista americano que esteve presente no funeral de Ayrton Senna e relata que só viu algo semelhante na Jamaica quando Bob Marley morreu, e também que numa viagem de férias num cruzeiro alguns brasileiros ficaram sabendo quem ele era e já havia entrevistado Senna inúmeras vezes. O jornalista afirma que os brasileiros vinham falar com ele a respeito do piloto como se ele tivesse conhecido Deus.

Portanto, é possível afirmar que dentro dos produtos jornalísticos há uma forma de narrar que constrói (ou desconstrói ou legitima) uma realidade e essas narrativas carregam subjetividades de seus narradores que trazem elementos da Jornada do Herói e também elementos por vezes melodramáticos para cativar o seu público. O grau de compreensão sobre a obra e o quanto ela importará para os espectadores, leitores e ou-

vintes envolvem outras questões a partir das subjetividades desse público, da sociedade em que ele está inserido etc.

Referências

- BAPTISTA, Mauro e MASCARELLO, Fernando (orgs.). **Cinema Mundial Contemporâneo**. Campinas, SP: Papyrus Editora, 2008.
- BERNADET, Jean-Claude. **Cineastas e imagens do povo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. São Paulo: Pensamento, 2012.
- LE GOFF, Jacques. **Heróis e Maravilhas da Idade Média**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009
- VOGLER, Christopher. **A Jornada do Escritor: estruturas míticas para escritores**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- XAVIER, Ismail. Entrevista ao SESC TV: **Dicotomia entre a ficção e a realidade**. Agosto, 2009.